

A AMOROSA DO NATAL (FICÇÃO)

Na minha pré-adolescência, em Verdejante, nas noites de Natal, havia um movimento de venda no quadro da feira, sempre após o anoitecer, de um refresco que não sei por que cargas d'água denominaram de AMOROSA.

O danado desse refresco ficou tão popular naquela época, que a frase “Você já tomou a sua amorosa?” era mais comum na noite do Natal do que a frase “Você já votou?” em dia de eleição. No natal, se a resposta fosse “sim”, o perguntador emendava com um “então tá turbinado”.

Não sei o que colocavam nessa bebida porque a noite do natal às vezes se transformava numa criança.

A receita oficial, que vinha devidamente impressa nas embalagens (garrafas de refrigerante), era que sua composição tinha Q-suco, açúcar cristal e água da Sogepa, que naquela época aparecia em todas as torneiras da cidade, diferentemente de hoje e tinha boa qualidade.

O Q-suco, tradicional, de boa procedência, era encontrado nas boas casas do ramo, mas no natal era uma guerra arranjar fornecedores. E sempre aparecia uns engraçadinhos vendendo Q-suco do Paraguai.

Mas no gosto resultante da amorosa esse perigo era imediatamente detectado. Ninguém nos enganava não. Éramos matutos espertos. Havia provadores que passavam antes no local para certificar o produto.

Para quem perdeu esse tempo, a verdadeira amorosa era consumida natural, tomada diretamente na boca da garrafa e o seu reabastecimento era feito ali mesmo, com concha e funil no caldeirão de alumínio atrás das bancas que sempre ficavam localizadas já na praça bem ao lado do banco do picolé.

O sistema altamente complicado de higienização das garrafas era o que menos nos interessava pois o bom mesmo era nos baldarmos com aquele líquido precioso e os vendedores previamente credenciados para a operação eram gente da nossa total confiança.

Era muito comum, alguém ficar sem audição, pois no aperto da multidão que se aglomerava bebendo amorosa, um consumidor em total desespero podia gritar no seu ouvido “A MINHA É DE GROSEELHA”.

Podia demorar o que fosse mais a minha amorosa preferida era de framboesa.

Terminada a bebedeira, nos dirigíamos em grupo até a Sociedade Lítero, dançar a noite toda feito uma carrapeta, com luz negra, ao som dos Vibrantes de Jardim-CE, e sobre o efeito devastador da amorosa.

No clube, havia uma região do dancing chamada de “escurinho”, ficava no fundo à direita, não sei por que mas, era aonde se concentrava o maior número de pessoas por metro quadrado em toda cidade. Quem decidia entrar naquele espaço na noite de natal, tinha que antes, se despedir do resto da turma porque só seria encontrado no dia seguinte em estado totalmente ignorado.

E dá-lhe Vibrantes, luz negra, música dos Fevers, Folhas, Trepdantes e o efeito alucinógeno da amorosa fazia com que tudo que era realizado virasse sonho. Bom demais.

Às 4:00h da manhã, o som parava, todo mundo ficava se ajeitando, penteado não existia mais, nos ouvidos ficava o eco da balada ainda durante uns 90 minutos, principalmente porque o som só tinha entrado por um ouvido, o outro passou a noite colado com Araldite no rosto da menina.

Desconversávamos, dispersávamos e só iríamos encontrar novamente a cabroeira num dos cafés do quadro da feira, comendo galinha guisada com cuscuz.

Se chegasse atrasado no café, só ia pegar pé de galinha, por isso a pressa. Algumas vezes com muita sorte tinha uma buchadinha. Era preciso ser esperto pois uma das reações mais adversas e negativas do uso indiscriminado da amorosa era a fome cavalgar que dava em nós, um bando de viciados em amorosa. Não havia muita conversa não, era pedir, receber e enfiar os dentes na comida.

Na frente do café já não estavam mais as barraquinhas de amorosa, apenas muitas formigas pelo chão arregando o açúcar caído e algumas garrafas quebradas, devido ao esforço travado pelas últimas gotas de amorosa. Era rojão, menino. Todos os caldeirões possíveis de fazer, eram consumidos em poucos minutos. Não dava pra quem queria. As últimas garrafas tinham de ser diluídas com água para render mais, tudo pra evitar confusão. E água naquela época tinha, e da boa, porque hoje ninguém tá ligando.

Com uma colher comíamos a xepa até nos empazinar, a outra mão segurava o osso da galinha. O último pedaço de cuscuz do prato tinha que ser auxiliado com o polegar que segurava a colher. A partir daí vem um silêncio sepulcral, pagávamos a conta já com a cara virada pro chão e nos dirigíamos cada um pra suas casas incomodar quem já estava dormindo para abrir a porta.

Se alguém fosse encontrado caído na rua, a recomendação médica era abrir sua boca e olhar a cor da língua, se estivesse bastante vermelha, o diagnóstico dado ali mesmo era que o sujeito foi acometido por uma “Hiper-glicemia aguda provocada pela ingestão descontrolada de amorosa sabor morango”.

Na recepção em casa, aquele bom dia normal: “isso é hora de chegar em casa, me diga?”. E caíamos na cama ainda de roupa e sapatos.

O sono provocado pelo uso inesperado de um volume muito grande de amorosa no organismo humano é triste, principalmente se você for usuário do sabor maracujá. Se você não for provocado, passa uma semana inteira sem acordar. Aí perde de vez o réveillon.

O ronco era supersônico. Alguns de nós só acordava no chuveiro. Éramos jogados por alguém até hoje não identificado com uma voz que dizia: “essa amorosa ainda vai matar um safado desses”.

A ressaca provocada pela danada da amorosa dava dó na nossa equipe. O mal-estar que causava principalmente nos mais fracos fisicamente era de fazer pena. Tinha gente que fazia até promessa pra Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Alguns mais debilitados andavam com um terço nas mãos, repetindo: “se eu escapar dessa, juro que eu me regenero, amorosa nunca mais”.

Ainda hoje eu desconfio que a amorosa teve sua venda proibida pela Anvisa e esconderam o assunto de nós, os interessados. De lá pra cá, as coisas se “modernizaram” e ninguém mais quer saber de amorosa.

Uma vez escapados daquela maldição, sair do quarto com uma cara de quenga de coco, anêmico, aquele olhar do horizonte da semana passada, com as mãos ainda trêmulas, sentar à mesa, fitar aquela comida sadia e pensar “amorosa agora só daqui a um ano”.

E constatar como é triste e decepcionante nosso calendário. Tudo o que era bom terminando assim numa noite só. Atravessar mais um ano pela frente pra ser feliz novamente.

Você ainda tá com a xícara de chá de boldo nos lábios, aí vai chegando pessoas metidas a jornalistas, fazendo a resenha e as gozações: quem tinha vomitado, acharam um osso de galinha no bolso de alguém, quem ainda não tinha chegado em casa, se houve algum problema policial, etc,etc..., que chato!

Nove meses depois, em setembro, vez por outra aparecia gente nova no pedaço, mas a maternidade sempre foi e sempre será algo divino. E crianças sadias, era uma total felicidade!. Eram os filhos da amorosa. Chegaram os novos consumidores. Seria a amorosa também afrodisíaca?.

E qual entre nós que não se orgulha de ter sido concebido com muito amor na noite de aniversário de Jesus Cristo?, durante o intervalo do baile, na hora da missa do galo celebrada por Padre Domingos, no momento em que a constelação de Órion atinge o zênite nesse lindo céu do sertão, com direito a girândola e fogos de artifício?. Qual de nós?.

Depois de tanta estrada chego a conclusão que só a amorosa é capaz de nos propiciar toda essa felicidade e riqueza.

Agora falando sério, porque a juventude de hoje precisa consumir drogas para fazer algo parecido ou equivalente com o que a nossa geração fazia consumindo somente a simples e querida amorosa?

PORQUE QUEM É BOM MESMO FAZ SEM DROGAS!

Neste Natal, vamos ressuscitar a cultura lúdica e local da amorosa e usá-la para afastar os nossos jovens do contato com as drogas.

Porque a amorosa sempre foi um símbolo nosso para agregar as pessoas num ambiente familiar, sadio e amigo. Por outro lado, as drogas desarticulam e desagregam famílias inteiras, segregando os indivíduos num universo perverso e sem saída. Agora eu tenho certeza de qual ingrediente era acrescentado na fórmula da amorosa: **O AMOR**. E daí o sentido para o seu nome.

Chega de vermos os erros cometidos por jovens dependentes das drogas, que a esta hora deveriam estar no seio da família, curtindo o carinho dos pais e dos amigos, fazendo um futuro promissor. **Vamos de amorosa**. A minha é de framboesa.

Devido a falta de espaço, deixo para vocês a função de postarem o ranking dos maiores consumidores dessa bebida maravilhosa. O melhor comentário ficará em destaque e ganhará uma amorosa com direito de escolher o sabor. E só pra constar, eu sou de março e ainda era menino.

TENHAMOS TODOS UM NATAL MUITO AMOROSO – Verdejante é o lugar!.

Pérides Tavares é de Verdejante-PE, Proprietário da empresa CADNORTE LTDA - consultoria de projetos industriais e ambientais (www.cadnorte.com.br), engenheiro ambiental, técnico em mecânica, técnico em saneamento, programador e analista de sistemas em CAD.